

ORIGEM DA POPULAÇÃO BRASILEIRA: A INTERFACE ENTRE A DANÇA E OS FESTEJOS JUNINOS

Ana Catharina Urbano Martins de Sousa Bagolan ¹

Sára Maria Pinheiro Peixoto ²

Uiliete Márcia Silva de Mendonça Pereira ³

RESUMO

Concebendo a importância do ensino da dança na instituição de educação da infância, este artigo objetiva explicitar como se dá essa vivência na escola a partir do entrelaçamento com o tema de pesquisa em estudo (origem do povo brasileiro) e dos festejos juninos, procurando entender como ocorre esse processo a partir da vivência de uma prática pedagógica com uma turma de 2º ano, que compreende crianças com faixa etária de 7 e 8 anos de idade, do Núcleo de Educação da Infância - NEI-CAP/UFRN. Sob uma abordagem de natureza qualitativa, procuramos pelo viés da pesquisa explicativa compreender como se dá esse processo encadeado por uma epistemologia da dança através de experiências ricas de significados, para a compreensão da formação dessa cultura, cujo objetivo foi estabelecer uma relação com a prática desenvolvida. As vivências corporais em torno desse estudo sobre a origem do povo brasileiro e festejos juninos, permitiram que as crianças interagissem com as demais crianças do grupo de forma dinâmica e expressiva, como também foi bastante notável a ampliação de suas possibilidades de movimentos, valorizando suas ideias para a composição coreográfica e a expressão de sensações e emoções em vivenciar a dança de povos que deram origem a nossa população, compreendendo a importância do legado cultural que nos deixaram. Como resultados dessa pesquisa compreendemos que as crianças ampliaram o repertório de comunicação e expressão cultural, a partir da criação de movimentos da dança indígena, da dança dos portugueses (Vira do Minho) e da dança dos negros (Capoeira), emitindo impressões, sentimentos e conhecimentos sobre a dança da formação do povo brasileiro.

Palavras-chave: Infância, Dança, Tema de pesquisa e Festejos juninos.

1. INICIANDO OS MOVIMENTOS PARA DANÇAR...

Esse artigo aborda o trabalho desenvolvido durante o primeiro semestre de 2019, com uma turma de 2º ano, formada por 22 crianças na faixa etária de 7 e 8 anos, do Núcleo de Educação da Infância NEI-CAP/UFRN. A referida turma aprofundava, neste período de tempo, suas pesquisas sobre o tema “Origem do povo brasileiro”. Desta feita, na área de conhecimento “Arte”, na subárea “Dança” delimitou-se o momento junino, quando os estudos sobre a

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e Professora do Núcleo de Educação da Infância – NEI-Cap/UFRN, aninhabagolan@hotmail.com

² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e Professora do Núcleo de Educação da Infância – NEI-Cap/UFRN, sarinha27@gmail.com

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e Professora do Núcleo de Educação da Infância – NEI-Cap/UFRN, etinharon@gmail.com

população brasileira trouxeram descobertas acerca da importância do legado cultural dos povos indígenas, portugueses e africanos para a constituição dos costumes do povo brasileiro.

O trabalho com a dança na escola, compreendida como linguagem do corpo e forma de expressão artística e humana, cujos sentidos são construídos na interação criança e dança, de acordo com o contexto cultural, são estudos sistematizados por Lima (2009), Marques (2007), Nóbrega (2009) e Porpino (2006).

Nessa perspectiva, sabendo que a dança, como área de conhecimento, envolve a criação, a leitura, a construção e reflexão sobre formas artísticas, destacamos a importância da participação ativa da criança nesse processo de forma a possibilitar o desenvolvimento das potencialidades humanas e sua relação com o mundo.

Desse modo, frente à essas premissas, nos apropriamos de um estudo de natureza qualitativa, por depreender que os dados obtidos no espaço educativo são repletos de singularidades referentes aos sujeitos envolvidos e suas relações estabelecidas entre o meio, imbricados durante todo o processo e suas contribuições no fazer educativo (OLIVEIRA, 2016).

Assim, buscando atender as respectivas intencionalidades, adotamos como procedimentos metodológicos a pesquisa explicativa, por considerá-la como procedimento substancial à sua efetivação e para a realização do estudo do Tema de Pesquisa buscando estabelecer um encadeamento com a problemática, os objetivos propostos frente a epistemologia teórica que nos fundamenta (GIL, 2008).

Deste modo, exibimos brevemente essas proposições introdutórias, percorremos a reflexões acerca dos aspectos teóricos e metodológicos que nortearam nossos saberes e fazeres, apresentamos a sequência didática de atividades que foram para precípuas a constituição deste conhecimento, apresentamos ainda os desdobramentos do estudo bem como os resultados desprendidos e por fim tecemos nossas considerações e referências que nos ampararam na elaboração deste artigo que muito corroborou para a reflexão da nossa prática docente.

Pontuamos ainda, a relevância dessa discussão, a fim de que possamos cada vez mais abrir as possibilidades dessa temática, sob ampliar olhar de quem aprecia ou mesmo de quem dança, as emoções, as subjetividades, a sensibilidade, as ideias se manifestam eclodindo formas de expressão e pensamento no processo de ensino e aprendizagem na dança.

2. PRIMEIROS PASSOS DA DANÇA NA FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO

As crianças, como protagonistas, devem participar desse processo de improvisação e composição da dança, experimentando diferentes possibilidades de movimentos, bem como a criação, a expressão e a comunicação nessas vivências corporais, assistindo a espetáculos de

dança, contemplando a diversidade cultural da dança e contribuindo para a formação de uma plateia/espectador da dança com um olhar crítico, sensível e transformador.

Em conformidade com a proposta pedagógica do NEI (no prelo, 2017, p. 81),

[...] ensinar e aprender a dançar na escola é propiciar situações em que as crianças possam assistir a espetáculos de dança, apreciar as danças presentes em diversas culturas, ter contato com dançarinos, vivenciar diferentes danças e possibilidades de criação e expressão dos movimentos para dançar e se comunicar com o mundo, contribuindo para a formação do apreciador da dança.

Através da dança a criança pode conhecer a si mesmo, interagir com o outro, explorar o mundo ao seu redor, conhecer suas possibilidades corporais, vivenciar emoções, desenvolver a criatividade. Ou seja, trabalhar com a dança como área de conhecimento vai muito além de aprender gestos copiados e repetidos ao observar o professor. Por meio da dança, a criança pode explorar todo o potencial de expressão do seu corpo, se expressando criativamente e se comunicando com seus pares, pois

O ensino da dança representado pela coreografia do mundo urge por um novo paradigma, um paradigma que não tenha como base a fragmentação, o utilitarismo, o racionalismo, o dualismo. O mundo não pode ser reduzido aos princípios da eficiência, pois, representado pela dança, pressupõe uma pedagogia humanizadora, harmônica na diferença, que propicia a individuação dentro de um tempo histórico presente, mutável e diferenciado (MARQUES, 2007, p. 99).

Seja por meio do sorriso, do choro, de angústias, saudades, a dança tem o poder de transformar aquele que dança ou até mesmo aquele que aprecia, uma vez que remete a aspectos lúdicos, estéticos vivenciados em outras danças, em outros momentos da vida cotidiana, despertando, assim, emoções, desejos, prazer, liberdade, entre outros.

Considerando o potencial criativo dessa manifestação artística e humana, a dança viabiliza que a criança coloque seu corpo em movimento de forma a expressar suas ideias e sensações, fugindo das gestualidades proposta pela massa midiática. Assim, a dança como forma de conhecimento possibilita a imaginação, a criação e a movimentação da criança, carregando significados traduzidos em sentidos que são manifestados de acordo com seu contexto sócio histórico e cultural. Em consonância com as ideias de Marques (2007, p. 45-46), acreditamos que

Essa postura crítica em relação às danças que aprendemos e/ou criamos a partir da tradição dos povos possibilita um outro tipo de olhar, um olhar não

complacente e ingênuo frente às contribuições das etnias e culturas que formam o povo brasileiro. Do mesmo modo, permite-nos perceber, nos processos pessoais e coletivos de criação em dança, que histórias carregamos, que povos representamos, que escolhas fazemos em relação a nossas vivências e atitudes em uma sociedade global.

Em outras palavras, o corpo enquanto linguagem, traz marcas do contexto sócio cultural no qual está inserido, conferindo a dança um espaço de representação de corpos e, conseqüentemente, de valores e de discursos que cada um carrega. Logo, o processo de ensino e aprendizagem de dança deve ser organizado de modo a considerar distintas vivências corporais, respeitando as diferenças de cada corpo e valorizando as potencialidades expressivas.

Buscamos em nossos estudos perscrutar a concepção de corpo em uma base teórica fundamentada pela corporeidade, baseada em práticas pedagógicas que considere o corpo em sua totalidade. É preciso reconhecer que o conhecimento também desponta do corpo, tudo se dá a partir das experiências vividas, de suas marcas de histórias, vivências essas, pertinentes a liberdade e autonomia do corpo quanto à sua dependência com o meio, cultura e com a própria sociedade em que vive (PEIXOTO, 2019).

Pensando assim, é imprescindível “ênfatizar a aceitação, a valorização e a crença em que diferentes corpos criam diferentes danças. Não necessitamos de um corpo ‘perfeito’, segundo os padrões sociais” (MARQUES, 2007, p. 43), o que precisamos é de uma prática pedagógica em dança em que todos possam participam efetivamente de acordo com seu tempo e ritmo.

Frente a essas premissas, não podemos deixar de falar sobre o corpo que dança, primordial para entendemos a realidade corporal da criança, uma vez que “O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para uma pessoa viva, juntar-se a um meio definido, confundir-se com alguns projetos e engajar-se continuamente neles” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 95). As crianças enquanto sujeitos bioculturais estão em constante aprendizagens em experiência com o outro, sendo corpo em movimento a todo o tempo, algo que vai além do ser físico e biológico, constituindo-a como ser social que produz marcas e é afetado pelo seu contexto. Daí a reflexão eu não tenho um corpo, eu sou o corpo. (MERLEAU-PONTY, 1999).

Para ilustrar mais ainda, Nóbrega (2009, p. 13), considera o seguinte

O corpo é o nosso meio geral de estar no mundo. Ora ele se limita aos gestos necessários à conservação da vida e, correlativamente, põe em torno de nós um mundo biológico; ora, brincando com seus primeiros gestos e passando de seu sentido próprio a um sentido figurado, ele manifesta através deles um novo núcleo de significado; ora enfim a significação visada não pode ser alcançada

pelos meios naturais do corpo; é preciso então que ele se construa um instrumento, e ele projeta em torno de si um mundo cultural.

É por meio do corpo que a criança se coloca no mundo, dando significado por meio de suas ações, transformando e reinventando suas ideias e emoções. Mesmo sabendo da importância dos aspectos fisiológicos, o corpo não pode ser visto apenas sob o ponto de vista biológico, mas, um corpo que vai muito além disso, um corpo permeado de afetos e emoções e que nos constitui enquanto sujeitos integrais (PEIXOTO, 2019).

Outro ponto que merece destaque é assinalar que narrar sobre corpo é falar de existência, do ser que interage no e com o meio. Assim, a corporeidade vem do corpo, que ora se movimenta, ora se cala. Resulta das experiências que possuímos e das sensações que experimentamos, ocupando espaço no mundo e nos relacionando com este por meio da subjetividade (LE BRETON, 2007).

Assim, a dança muito corrobora para essa apreensão, uma vez que

O campo da dança percebe e conhece o ser humano em movimento, em ação, em relação. É um modo de conhecimento complexo que também se expressa pela via do movimento. É um conhecimento sobre o corpo, sobre o sujeito que o corpo humano revela. Conhecimento que se constrói na prática de treinar o corpo para construir um corpo cênico. Passa, portanto, pelo autoconhecimento, construído na relação do seu corpo em movimento com outros corpos e com a obra coreográfica que cria e que apresenta (FALKEMBACH, 2012, p. 67-68).

A dança como linguagem do corpo vivenciada na escola não é apenas um amontoado de movimentos dissociados do cognitivo e das emoções, pois “é por meio de nossos corpos, dançando, que os sentimentos cognitivos se integram aos processos mentais e que podemos compreender o mundo de forma diferenciada, ou seja, artística e estética” (MARQUES, 2007, p. 25). Para ratificar a afirmação anterior, Marques (2007, p. 24) nos diz:

[...] No caso da dança, o fazer-sentir, nunca está dissociado do corpo, que é a própria dança. Para que se possa compreender e desfrutar estética e artisticamente a dança, portanto, é necessário que nossos corpos, estejam engajados de forma integrada com o seu fazer-pensar. Essa é uma das grandes contribuições da dança para a educação do ser humano- educar corpos que sejam capazes de criar pensando e ressignificar o mundo em forma de arte.

Por esse ângulo, não podemos considerar a dança como um recurso para ensinar algo as crianças, ou para animar as festividades de final de ano no ambiente escolar ou, ainda, para consolidar um tema estudado, apresentando para os demais alunos da escola o que foi

vivenciado no grupo. A dança deve ser vivenciada como área de conhecimento, considerando seus próprios conteúdos e objetivos, favoráveis a construção do conhecimento de forma significativa.

Em virtude dessas ideias sobre a dança, e mediante ao período dos festejos juninos se aproximando, sistematizamos um processo de sequências didáticas para atender a demanda de sugestões da turma que propôs construir quatro momentos: dança indígena, dança portuguesa, dança africana e a dança do povo brasileiro, e com a mediação das professoras, construímos a composição coreográfica, nomeando os passos de cada etapa.

3. COMO SE DANÇA? CONSTRUINDO PASSOS NA DANÇA COM O POVO BRASILEIRO

No NEI, o estudo da dança na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, tem como princípio os três momentos da Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa (1991) para o ensino da arte, que são: a história da arte (contextualização), a leitura (crítica e estética) e o fazer artístico (produção).

Diante dessa realidade, o trabalho com o Tema de pesquisa⁴ “A origem do povo brasileiro” possibilitou a turma do 2º ano a construção da dança junina, permeando movimentos que mostrassem as características de cada povo que formou a nossa população.

A partir da vivência das crianças na instituição escolar, construímos um recorte da intersecção do tema de pesquisa “Origem do povo brasileiro” com o tema cíclico “Festejos Juninos”. Este estudo foi realizado a partir de sequências didáticas com o objetivo de ampliar o repertório de comunicação e expressão cultural das crianças; apreciar as danças de indígenas, portugueses e africanos (povos que deram origem a população brasileira) e emitir suas impressões, sentimentos, emoções e conhecimentos; conhecer a influência das danças indígenas, portuguesas e africanas nos festejos juninos do Brasil; vivenciar diferentes possibilidades de criação e expressão dos movimentos; participar do processo de improvisação, composição e alegria de dançar; valorizar e ampliar as possibilidades estéticas dos movimentos.

⁴ Tema de pesquisa é a metodologia escolhida pela instituição para designar a organização e o planejamento dos conteúdos e do tempo que a situação (objeto de estudo) exige. Este se constitui em um parâmetro básico da dinâmica pedagógica, é uma metodologia que considera as experiências de vida e valores socioculturais das crianças, garantindo o acesso às experiências, onde possam expressar, ampliar e atualizar suas ideias, conhecimentos e sentimentos. Os temas de pesquisas funcionam como articulador e fio condutor das diversas áreas do conhecimento, contribuindo, para que a criança seja movida pelo prazer, através de uma atuação ativa, crítica e criativa.

Para tanto, realizamos sequências didáticas em que as crianças pudessem assistir a vídeos de danças dos indígenas, portugueses e negros, apreciassem as possibilidades culturais de cada povo, realizassem pesquisas para aprofundar o estudo acerca de quem dança, com quem dança, como dançam e onde dançam, compreendendo qual o propósito de cada manifestação cultural, entre outras atividades, pois “[...] conhecer as danças de povos, regiões e épocas diferentes permite um trabalho artístico-educativo voltado para o diálogo verbal e corporal [...]” (MARQUES, 2007, p. 44), da cultura do povo brasileiro.

A prática de movimentos corporais alinhada a um conjunto de valores culturais possibilita que a criança aprenda e se desenvolva de forma significativa e prazerosa, se engajando na busca de compreender os conhecimentos construídos culturalmente pela humanidade.

Discorrendo nosso planejamento para a turma do 2º ano, em nosso quadro programático, pensado para organizar os objetivos e experiências para esse grupo, organizamos os três momentos da Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa (1991):

1. FAZER ARTÍSTICO

- Ampliar o repertório de movimentos, atentando para os relacionamentos com a cultura do povo brasileiro.
- Vivenciar o processo de improvisação/criação/composição e expressão da dança, relacionando o tema de pesquisa e os Festejos Juninos.
- Dançar com ritmo e fluência de acordo com seu desenvolvimento motor, lembrando e executando os movimentos na sequência combinada para a composição coreográfica da Dança Junina.
 - Dançar individualmente e em grupo, realizando a composição coreográfica dos Festejos Juninos, no tempo e no espaço.
 - Expressar sensações, sentimentos, emoções e conhecimentos, durante a improvisação de movimentos e danças.
 - Valorizar as possibilidades estéticas dos movimentos criados e expressos por cada colega e pelo grupo.
 - Registrar os conhecimentos estudados sobre a composição coreográfica da Dança Junina por meio de desenhos, textos orais e escritos.

2. LEITURA

- Apreciar diversas danças, produzidas em diferentes contextos culturais (indígena, negros), emitindo impressões estéticas.
- Conhecer elementos da linguagem da dança e do movimento: quem dança, onde dança, como dança, com o que dança e por que dança.
- Identificar os movimentos realizados, os níveis e direções espaciais, os relacionamentos/aproximações, a organização e composição coreográfica.
- Nomear os movimentos realizados, os níveis e direções espaciais, os relacionamentos/aproximações, a organização e composição coreográfica.
- Respeitar as convenções sociais enquanto apreciador das danças juninas de outras turmas e de grupos externos.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO

- Conhecer a história/origem das danças estudadas (indígena, africana) para a composição coreográfica Junina.
- Compreender a dança como uma forma de expressão sociocultural de um grupo ou de um povo.

Nessas interações para composição coreográfica da “Dança miscigenada do povo brasileiro”, nome escolhido pela turma, designando a mistura de povos que deram origem a nossa população, consideramos as potencialidades e limitações de cada criança e atentamos para que cada uma demonstre conhecimento e cuidado em relação ao seu próprio corpo e ao corpo do outro; envolver-se em atividades de alongamento e de relaxamento corporal ao vivenciar a dança; (re)construísse progressivamente os movimentos do corpo e a relação corpo/espço; conhecesse cada ritmo escolhido para vivenciar a dança dos povos em estudo; criasse movimentos e manifeste suas expectativas, sensações e ideias sobre a dança.

Nessa perspectiva, socializamos as sequências didáticas dessas rodas de dança, e como as crianças puderam conhecer, ampliar e ressignificar o repertório corporal durante as vivências.

Sequência Didática 1: Dança indígena

1º Momento - Reunir a turma, em roda inicial, para apresentar a atividade;

2º Momento - Construir ideias acerca das características da dança dos indígenas (Quem dança?; Com quem dança?; Como dançam?; e Onde dançam?);

3º Momento - Construir movimentos relacionados as possibilidades da dança indígena;

4º Momento - Reunir a turma, em roda, para saber as impressões (como se sentiram, se gostaram, o que gostaram e outras considerações sobre a dança realizada);

5º Momento - Registrar, por meio do desenho e da escrita, a dança realizada.

Fig.1: Construção de ideias da dança indígena



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, 2019.

Sequência Didática 2: Dança dos portugueses

1º Momento - Reunir a turma, em roda inicial, para apresentar a atividade;

2º Momento - Construir ideias acerca das características da dança dos portugueses (Quem dança?; Com quem dança?; Como dançam?; e Onde dançam?);

3º Momento - Construir movimentos relacionados as possibilidades da dança dos portugueses;

4º Momento - Reunir a turma, em roda, para saber as impressões (como se sentiram, se gostaram, o que gostaram e outras considerações sobre a dança realizada);

5º Momento - Registrar, por meio do desenho e da escrita, a dança realizada.

Fig. 2: Construção de ideias da dança portuguesa



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, 2019.

Sequência Didática 3: Dança dos negros

1º Momento - Reunir a turma, em roda inicial, para apresentar a atividade;

2º Momento - Construir ideias acerca das características da dança dos negros (Quem dança?; Com quem dança?; Como dançam?; e Onde dançam?);

3º Momento - Construir movimentos relacionados as possibilidades da dança dos negros;

4º Momento - Reunir a turma, em roda, para saber as impressões (como se sentiram, se gostaram, o que gostaram e outras considerações sobre a dança realizada);

5º Momento - Registrar, por meio do desenho e da escrita, a dança realizada.

Fig. 3: Construção de ideias da dança dos negros



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, 2019.

Sequência Didática 4: Dança do povo brasileiro

1º Momento - Reunir a turma, em roda inicial, para apresentar a atividade;

2º Momento - Construir ideias acerca das características da dança da mistura dos três povos – indígenas, portugueses e negros (Quem dança?; Com quem dança?; Como dançam?; e Onde dançam?);

3º Momento - Construir movimentos relacionados as possibilidades da dança da miscigenação do povo brasileiro;

4º Momento - Reunir a turma, em roda, para saber as impressões (como se sentiram, se gostaram, o que gostaram e outras considerações sobre a dança realizada);

5º Momento - Registrar, por meio do desenho e da escrita, a dança realizada.

Fig. 4: Construção de ideias da dança da miscigenação do povo brasileiro



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, 2019.

Sequência Didática 5: Compondo coreograficamente a “Dança do povo brasileiro”

1º Momento - Reunir a turma, em roda inicial para apresentar a atividade;

2º Momento - Organizar os movimentos da composição coreográfica da “Dança do povo brasileiro”;

3º Momento – Vivenciar os movimentos da composição coreográfica da “Dança do povo brasileiro”;

4º Momento - Reunir a turma, em roda, para saber as impressões (como se sentiram, se gostaram, o que gostaram e outras considerações sobre a dança realizada);

5º Momento - Registrar, por meio do desenho e da escrita, a dança realizada.

Fig. 5: Organização dos movimentos da composição coreográfica da
“Dança do povo brasileiro”



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, 2019.

Assim, essa construção coletiva, sinalizando a contextualização, a apreciação e a improvisação nessa linguagem artística revela a importância do trabalho com a dança na escola. Corroborando com Porpino (2006, p. 137), compreendemos que

[...] considerar a dança como apêndice de um contexto de educação sistematizada, ou como meio de garantir objetivos que estão além das especificidades do dançar, pode significar reduzir sua dimensão educacional, na medida em que pode descaracterizar suas possibilidades concretas de educar não restritas ao espaço da escola.

Assim, as vivências se transformam em partituras coreográficas com passos criados, a partir das experiências vividas pelas crianças e com base na apreciação e exploração dos movimentos criativos e com significados.

Fig. 6: Apresentação nos festejos juninos para a comunidade escolar



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, 2019.

Esse rico processo foi compartilhado durante a festa junina do Núcleo de Educação da Infância – NEI-CAP/UFRN, quando as crianças puderam socializar o resultado dos estudos da Origem do povo brasileiro e dos Festejos Juninos com toda a comunidade escolar (demais crianças, suas famílias e servidores da instituição).

3. A DANÇA NA ESCOLA FAZ PARTE DA CULTURA BRASILEIRA AO LONGO DO TEMPO

Assim como houve uma mistura de diferentes etnias na formação da população brasileira, temos diversas influências na nossa dança, destacando a mistura de ritmos do povo indígena, português e negro, habitantes principais na povoação do nosso território.

Sabendo da importância dessa miscigenação para a constituição da nossa cultura, decidimos investigar o nosso passado no que diz respeito as danças para compreender essa manifestação no presente, pois como diz Marques (2007, p. 46),

Conhecer, compreender e trabalhar corporalmente as diversas concepções de dança no decorrer da história da humanidade abre perspectivas para que o aluno em contexto educacional possa conhecer o passado, para compreender o presente e projetar o futuro. Assim sendo, o conhecimento da história propicia oportunidades para o aluno criar parâmetros próprios de movimento, criação e relação com a sociedade plural em que vive.

A dança como importante componente cultural da humanidade está presente na sociedade desde os primórdios, contribuindo para o desenvolvimento do potencial criativo e expressivo do sujeito e para a interação com o outro. Ao conhecer diferentes manifestações

artísticas, a criança pode compreender diversas possibilidades da dança nos mais distintos espaços e tempos, valorizando cada produção ao longo da história.

Conhecendo as diversas contribuições de variados artistas em tempos e espaços diferentes, o aluno poderá perceber a multiplicidade de concepções de corpo, tempo e espaço dos diversos movimentos artísticos, trabalhando-as e articulando-as a suas criações (MARQUES, 2007, p. 47).

Fazer um resgate da dança do nosso povo requer não apenas fazer um transporte para o passado de forma não reflexiva e sem possibilidades de transformação, essa viagem no tempo permite-nos conhecer, vivenciar, recriar valores, costumes e crenças significativos para as nossas vivências de corpo, tempo e espaço no coletivo da sociedade atual (MARQUES, 2007).

Desse modo, a escola tem um importante papel de resgatar as histórias do nosso povo e possibilitar a criança conhecer esses aspectos culturais, uma vez que a dança é produção humana repleta de sentidos e a criança como sujeito histórico e criador de cultura, é capaz de transformar as coisas que lhe são dadas, isto é, deve ser possibilitado a criança conhecer a história da dança e (re)significar suas produções

A escola pode, sim, fornecer parâmetros para sistematização e apropriação crítica, consciente e transformadora dos conteúdos específicos da dança e, portanto, da sociedade. A escola teria, assim, o papel não de “soltar” ou de reproduzir, mas sim de instrumentalizar e de construir conhecimento em/por meio da dança com seus alunos, pois ela é forma de conhecimento, elemento essencial para a educação do ser social (MARQUES, 2007, p. 23-24).

Compreendemos que o ensino da dança na escola não envolve o aprendizado mecânico de uma técnica composta por movimentos determinados e padronizados pelo professor, mas sim um processo de construção que tenha a participação ativa da criança na composição coreográfica. O papel do professor, como mediador desse processo, é de suma importância, de acordo com a proposta pedagógica do NEI (no prelo, 2017, p. 81-82),

O professor pode, a partir desse conhecimento, da combinação dos elementos da dança, dos fatores do movimento e das diversas ações do esforço, propor temas significativos de interesse das crianças, realizar "jogos de dança" a partir das danças do repertório da criança e ou de uma história, uma poesia, uma cena do cotidiano - observável e expressa pela linguagem do movimento, sempre questionando e promovendo a reflexão sobre os aspectos básicos que envolvem a dança, por exemplo: Quem dança?; Com quem dança?; Como dançam?; e Onde dançam?

É imprescindível o professor ter sensibilidade para construir experiências significativas envolvendo todas as crianças, considerando suas habilidades corporais e as possibilidades de ampliação do movimento, desenvolvendo a percepção da criança para possibilitar novas configurações no ensino da dança.

Conforme Lima (2009, p. 72),

[...] o ato de imitar/reproduzir movimentos de dança são imprescindíveis para o aprendizado do dançar, em especial para os processos de composição coreográfica; no entanto, como processo educativo, no âmbito pedagógico, não deve ser a única possibilidade, uma vez que aprender dança também inclui a exploração e a criação de novos movimentos a partir da experiência individual e coletiva.

Nas experiências corporais, o professor pode possibilitar novas vivências corporais diferentes do que as crianças estão acostumadas com o intuito de ser afetado e afetar o outro, sem precisar de fazer repetições descontextualizadas das vivências das crianças.

Nessa perspectiva, entendemos que a necessidade de transformação no modo de conhecer, de aprender e de fazer dança na escola exigem mudanças, tanto nos ambientes, nos espaços de aprendizagem e de reflexão, quanto no que diz respeito às novas atitudes, ao espírito coletivo, à criatividade artística e pedagógica, pois a escola é um lugar de ressignificação de saberes históricos, culturais, afetivos, sociais, entre outros.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA DANÇA NA ESCOLA DA INFÂNCIA

As vivências corporais em torno desse estudo sobre a origem do povo brasileiro e festejos juninos, permitiram que as crianças interagissem com as demais crianças do grupo de forma dinâmica e expressiva, como também foi bastante notável a ampliação de suas possibilidades de movimentos, valorizando suas ideias para a composição coreográfica e a expressão de sensações e emoções em vivenciar a dança de povos que deram origem a nossa população, compreendendo a importância do legado cultural que nos deixaram.

As crianças da nossa escola estão aprendendo desde cedo a valorizar e a apreciar a linguagem do corpo, compreendendo a dança como educação e produção humana, tendo em vista que as práticas corporais são diversas e elas podem apreciar o trabalho uns dos outros, dentro e fora da escola. Então, como resultados dessa pesquisa compreendemos que as crianças ampliaram o repertório de comunicação e expressão cultural, a partir da criação de movimentos das danças indígenas, da capoeira (dança dos negros) e dança dos portugueses (Vira do Minho),

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

emitindo impressões, sentimentos, conhecimentos sobre a dança da formação do povo brasileiro.

Dissertar sobre corpo, tendo a dança como elemento norteador desse trabalho, foi apresentar que cada sujeito se (re) cria o tempo todo a partir de seus atos e de suas experiências vivenciadas. Cada ação que fizermos, nunca mais será a mesma, pois esta virá carregada com novas histórias, de novos significados.

Sendo assim, acreditamos que o contato com a dança tendo a criança como protagonista do processo de criação, improvisação e reflexão permitiu ao grupo ser um espectador ativo dessa arte, reafirmando a ideia de que as práticas corporais possibilitam a conhecerem a si mesmas, terem liberdade para imaginar, criar, improvisar diversos movimentos, cooperar com seus colegas, respeitar as diferenças do outro, se comunicar e se expressar e elaborar sentidos e significados para suas vivências.

A escola em suas atividades dentro e fora dela proporciona a construção do conhecimento em diferentes conhecimentos, possibilitando acesso a diversos saberes nas diferentes áreas de conhecimento. Desse modo, o ensino de dança deve ser componente curricular das práticas pedagógicas, estando presente na escola como forma de comunicação e expressão, ampliando os modos de ser, viver e criar.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. **A imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva/Lochpe, 1991.

FALKEMBACH, Maria Fonseca. Quem disse que não tem espaço para a dança na escola?... In: FERREIRA, Taís; FALKEMBACH, Maria Fonseca. **Teatro e dança nos anos iniciais**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012. p. 59-129.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. 2ª ed. Tradução de Sonia M.S. Furhmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LIMA, Ruth Regina de Melo. **Dança: Linguagem do corpo na Educação Infantil**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRN, Natal, 2009.

MARQUES, I. A. **Dançando na escola**. Cortez Editora, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **Psicologia e Pedagogia da criança**: Curso da Sorbonne. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da. **Corporeidade e Educação física: do corpo-objeto o corpo-sujeito.** 3 ed. Natal: EDUFRN, 2009.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis: Vozes, 2016.

PEIXOTO, Sara Maria Pinheiro. **O corpo como sentido, criação e significado da criança com Síndrome de Down: uma proposta de intervenção docente na Educação Infantil.** 189f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética.** Natal, RN: EDUFRN, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Centro de Educação. Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação. **Proposta Pedagógica.** Natal, (2017, no prelo).